O PLAGIO E OS ACROSTICOS

DO

Snr. DILOTTI

CRITICADOS

Por E. Gê. BADARÒ

1894
OFFICINAS SALESIANAS
S. PAULO

O Prof. SPIRIDIONE DE' MEDICI DILOTTI

e o seu plagio

Deparou-se-me um escripto em latim com a epigraphe — Salve! — assignado pelo sr. professor Spiridione de' Medici Dilotti no jornal « Diario de Santos », a qual folha, ao noticiar a inscripção do mesmo professor como concorrente á cadeira « *de latim e noções de grego* » — do Gymnasio do Estado, chegou a dizer:

... o governo fará excellente acquisição concedendo a referida cadeira ao habilitado professor, de quem temos publicado nesta folha producções originaes (?) que o recommendam.

... o sr. professor Spiridione De' Medici Dilotti... está realmente habilitadissimo (?) para reger essa difficilima cadeira. »

Taes e tão grandes encomios me fizeram scismar: será possivel que em Santos esteja se perdendo um rival de Horacio?

Infelizmente os brazileiros são muito faceis em presuppôr conhecimentos em qualquer europeu que aqui chega; e essa facilidade em acceitar a primazia intellectual do europeu sem examinar-lhe os titulos de benemerencia, prova a ignorancia e simplicidade de muitos de meus patricios.

Brazileiro na Europa é synonimo de botocudo, boçal; o Brazil é *le pays des serpents*.

Assim quando á nossa patria chega um europeu com alguma tintura de saber, pensa que está em terra de cégos e só elle tem olhos: e é prova desses assertos a ingenuidade do « Diario de Santos » em elogiar o que não entende e a coragem do sr. Dilotti em publicar o escripto — Salve.

Este ultimo abusou da boa fé e da ignorancia do jornal e do publico, de um modo verdadeiramente indigno.

Os leitores para verem, como procedeu o sr. Dilotti, leiam e comparem P. Ovidio Naso, Fastorum liber I, vers. 97, 98, 63 — 88 com a poesia — Salve. — publicada no «Diario de Santos, de 30 de março p. p.

OVIDIO

vers.
97 Obstupui, sensique metu riguisse capillos

98 Et gelidum subito frigore pectus erat.
. . . . . .
. . . . . .

63 Ecce tibi faustum, Germanice, nuntiat annum

. . . . . .

67 Dexter ades ducibus, quorum secura labore
68 Otia terra ferax, otia pontus agit.
69 Dexter ades Patribusque tuis populoque Quirini;
70 Et resera nutu candida templa tuo.
71 Prospera lux oritur, linguisque animisque favete.

72 Nunc dicenda bono sunt bona verba die.

73 Lite vacent aures, insanaque protinus absint
74 Jurgia; differ opus, livida lingua, tuum.

75 Cernis, odoratis ut luceat ignibus æther;
76 Et sonet accensa spica Cilissa focis? fis

77 Flamma nitore suo templorum verberat aurum,
78 Et tremulum summa spargit in æde jubar.

79 Vestibus intactis Tarpeias itur in arces;

80 Et populus festo concolor ipse suo est.

DILOTTI

Quando civile bellum
suis faticabat tormentis
Rempublicam civesque,
obstupi sensique metu
riguisse albos capillos,
et mi gelidus pectus erat
subitoque frigore.
Proximi dies atri erint,
Sed luz ab alto cœlo
scindere non moravit atras
Cainorum tenebras.
Tibi ecce faustum nuntiat,
Respublica, annum Deus.
Deus æterne, sola origo
humanis fasque nefasque,
Dexter ades duci prudenti,
cujus labore, cura
otia terra, otia agit pontus
Dexter ades Populo,
dexter ades civitatibus.
Prospera lux oritur,
linguisque animisque favete.
Nunc dicenda bono sunt
prosperoque bona verba die.
Belli vaceant aures jam,
Insanaque protinus absint...
Cernis, odoratis ignibus
ut luceat nunc æther;
accensis focis fument templa
cernis an tu libenter?
Flamma nitore suo verberat
aurum templorum omnium
et tremulum spargit in summa
æde festante jubar.
Vestibus intactis puellæ

81 Jamque novi præeunt fasces, nova purpura fulget.

. . . . . .

87 Salve, læta dies, meliorque revertere semper

88 A populo rerum digna potente coli.

O Professor Dilotti teve, pois, sómente o trabalho de dividir 18 versos de Ovidio em 33 pedaços a que deu a apparencia de versos e accrescentou 12 linhas das quaes 8 parecem de sua lavra e 4 não sei de quem.

Das linhas que parecem escriptas pelo professor, as 3 primeiras:

« Quando civile bellum
« suis faticabat tormentis
« Rempublicam civesque

são latim como o do Palito Metrico: « Nos quoque gens sumus et quoque cavalgare sabemus. »

A linha—*Cainorum tenebras*—é um primor! Querendo o professor dizer que com a victoria de 13 de Março a nação brazileira sentiu-se livre da oppressão, do mal estar em que se achava, desde 6 de setembro do anno passado, diz; « a luz do alto do cêu não tardou em espancar as negras trevas dos Cains. » Que, por metaı hora, se possa dizer « trevas » em vez de obscurantismo, estado em que a intelligencia humana não se pode manifestar por causa da oppressão, da falta de todas as liberdades (de pensamento, de imprensa, de reunião, etc.) não se discute. O que se não póde é dizer « negras trevas dos Cains. » Um dos filhos de Adão que, segundo a Vulgata, dºsobedeceu a Deus, matou a Abel e é tido como o typo dos rebeldes e fratricidas, foi Caiı.

Quem escreve no fim do seculo XIX, tem o dever de conhecer a significação da palavra Caim no Sepher, segundo a mente do legisislador hebreu. Si o Sr. professor não perdesse tempo em copiar escriptos alheios, poderia ter lido « *La langue hebraïque*

itur in arces lætæ,
et Populus festo concolor
suo est ipse pergaudens.
Novi jamque præeunt civibus
fasces, nova purpura
fulget tribunorum in manubus.
Ter salve, sancta dies,
meliorque revertere semper
et rerum digna coli
Reipublicæ validissimæ!

---

restituée » de Fabre d'Olivet, onde teria aprendido o verdadeiro sentido da palavra Caim, e não teria escripto *Cainorum tenebras*.

A apostrophe *Deus aeterne*, *sola origo humanis fasque nefasque* é uma chapa sediça em latim errado.

O sr. Speridiône ainda tem as mesmas idéas mythologicas, que os antigos romanos, acerca da manifestação da justiça entre os homens, Jupiter, *deorum hominumque pater*, continúa a fazer os gastos da litteratura do sr. professor, que suppõe virem instituições humanas *ab alto cœlo*.

As palavras *fas* e *nefas* são nomes que os latinos só empregavam em nominativo, accusativo e vocativo do singluar (Gramm. latina de Guardia e Wierzeyski), mas o sr. professor empregou-as depois de *sola origo*, portanto errou, dando-lhes um caso que lhes não deram os latinos.

Até aqui a analyse das linhas, que parecem da lavra do sr. De' Medici. Vou analysar os accrescimos feitos aos versos de Ovidio.

Ao verso 97. ajuntou a palavra *albos*, naturalmente porque seus cabellos já estão todos brancos. Ao verso 98 ajuntou a particula *que* e mudou o genero de *pectus* empregando *gelidus* em vez de *gelidum*.

No verso 73 substituiu *Lite* por *Belli*. Ovidio usou de *vacent* e o sr. Spiridione de *vaceant*, tempo que não tem o verbo *vacare*, que se constróe com o dativo e ablativo e não com genitivo, como empregou o sr. Dilotti.

O verso 76 foi alterado para dizer um desproposito. Nos templos romanos havia fogões; mas, nos do Brazil, não.

Ao verso 78 addicionou o professor *festante*, que não é termo la-

tino, mas pura invenção sua, que faz lembrar o *Jupiter iratus mundum quebrare volebat.*

Ao verso 79 supprimiu *Tarpeias* e accrescentou *puellæ lætæ.* Na texto ovidiano *itur* denota a indeterminacão do agente. Ovidio disse: *Vai-se ao monte Capitolio em trajes de festa*, e assim o sr. De' Medici commetteu dous erros: 1º empregou *puellæ lætæ* nominativo do plural com o verbo *itur* que é singular; 2º usou de *itur* com agente, quando essa forma o não admitte expresso.

No verbo 81 ajuntou o sr. professor *in tribunorum manubus*, querendo dizer que a purpura fulge nas mãos dos tribunos.

A purpura descoberta pelos phenicios, que a extrahiram de um marisco era usada em Roma, para tingir pannos. As «faxas» sómente as «faxas», que bordavam as togas dos magistrados, senadores, etc., eram tintas de purpura. As togas eram habitos talares, isto é, que desciam até os artelhos. Como é, pois, que a purpura podia fulgir nas mãos dos tribunos.? Dizer tal cousa equivale a dizer modernamente: — a beca negreja nas mãos dos magistrados; a casaca e as calças negrejam nas mãos dos cidadãos; — a batina negreja nas mãos dos padres!! Quanto a outros defeitos — De minimis non curat prœtor.

Do que precede se deduz:

1º Que o professor Dilotti é um reles plagiario; 2º Que não tem discernimento nem para plagiar: 3º Que o escripto — Salve — é o attestado mais palpitante dessas duas proposições.

O meu unico escópo é chamar a attenção dos examinadores do concurso de latim e noções de grego do Gymnasio do Estado. para a *capacidade* do pretendente a mestre da mocidade paulista.

As provas apresentadas contra o saber do pseudo-latinista, são esmagadoras, não admittem contestação.

Seria uma calamidade que fosse nomeado professor de latim do Gymnasio, quem copiou, adulterou e subscreveu o — Salve.

« Ne contemne caput, nihil est furacius illo.
Non fuit Autolyci tam piperata manus. »
(Martial. Epigram. lix, lib viii).

S. Paulo 13 de Abril de 1894.

G. B.

O prof. Dilotti e os seus acrosticos.

Continúo a analysar o que em latim tem escripto o professor Dilotti e me tem casualmente vindo ás mãos, lamentando não ter obtido ainda os outros *trabalhos* de igual jaez a que se referiu a imprensa de Santos.

E' verdadeiramente admiravel que até hoje, o professor não encontrasse quem lhe dissesse a verdade núa e crúa; e que só a mim tenha cabido a tarefa de mostrar que elle não passa de um plagiario sem escrupulos, que visa a fazer figura, embora triste, e a ser nomeado professor de latim do Gymnasio, á custa de versos plagiados e acrosticos errados.

Vou proporcionar aos leitores o prazer de lerem e apreciarem dous acrosticos escriptos por elle, dos quaes um com a dedicatoria *Clarissimo Viro Bernardino de Campos* foi publicado no *Diario de Santos* de 4 do corrente, e o outro sahiu á luz no *Luctador* do Descalvado, de 12 deste mez.

I.

Clarissimo viro Bernardino de Campos, summo moderatori Paulistanæ Provinctiæ.

Acrosticium.

B ellice, depositis, Mars,
E t clypeo paulisper et hastâ,
R ei dâ sceptrum publicæ.
N ova ætas nova, tutaque vita
A dspice uti de cœlo
R adiis circumfusæ adsint.
D ei superi, ac benigni
I n vi jam vim dedêre nobis,
N ondumque Justitiam
O dium mortale fugabit.

Dixêre ac illi populo:
Et *Ordine* et *Progresso* impera.

C ara Deûm o soboles,
A ve salveque Sanctus tibi,
M emor hinc tui adventus,
P er labia fert humillima mea.
O Respublica, tibique hodie vaticino:
S emper tuos vinces innimicos.

Santos, 3 de Abril do 1894.

Prof. Spiridione De' Medici Dilotti.

Como se vê, é dedicado ao Presidente do Estado, que é chamado *Cara Deûm soboles* — Caro filho dos Deuses —.

Nada mais improprio do que a um presidente republicano, de familia que jámais se ufanou de titulos nobiliarios, e numa época eminentemente iconoclasta, chamar « caro filho dos deuses ». E' uma lisonja vil e ridicula.

O auctor dos acrosticos que plagiou o *Cara Deûm soboles* de Publio Virgilio Maro (*Ecloga*, IV, v. 49), devêra ter ajuntado o resto *magnum Jovis incrementum*, encarecendo assim o elogio e obtendo mais uma linha para o seu panegyrico.

As duas primeiras linhas foram copiadas (sempre o plagio!) de Ovidio Naso (*Fastorum*, Lib. III, vers. 1 e 2), onde diz:

Bellice, depositis clypeo paulisper et hasta,
Mars, ades; etc.

Segue-se, até *fugabit*, um latim, cuja paternidade desconfio não pertencer ao sr. Dilotti, gralha que tem a mania de partir ao meio as pennas dos pavões, mas nem assim livrando-se do mesmo ridiculo, que a da fabula attrahiu sobre si.

Na linha *Dixêre ac illi populo* ha o emprego errado da conjuncção *ac* antes da vogal *i*.

A palavra *progressus* sendo da 4.a declinação, faz o ablativo *progressu* e portanto (tome bolos) é errado o seu *progresso*.

O professor vertendo *Santos* em latim, escreve *Sanctus* não se lembrando que os latinos em nomes analogos empregavam o plural dizendo v. g. *Athenae, arum*, *Parisii, orum*, *Syracusæ, arum*, etc. E' muiton atural que Santos sendo plural se traduza «*Sancti-orum* e não *Sanctus*, como pretende o sr. Dilotti.

Na penultima linha empregou *vaticino* em vez de *vaticinor*, por ignorar que esse verbo perdeu a forma activa e assumiu a passiva tornando-se depoente ou medio, como se vê do seguinte verso de Ovidio:

« Quæ tibi factorum pœnas instare tuorum
Vaticinor moriens etc. »

O professor não sabe distinguir *inimicus* (sempre escreve com dous nn) de *hostis*: vou lhe dar uma lição.

Os antigos romanos chamavam ao estrangeiro *hostis*, ao criminoso politico *perduellis* e ao inimigo pessoal *inimicus*. Com o correr do tempo, o termo *perduellis* caiu em desuso, e tanto o estrangeiro como o criminoso politico foram comprehendidos sob a denominação de *hostes*.

Cicero « *De officiis* » nos diz: *hostis enim apud majores nostros is dicebatur, quem nunc peregrinum dicimus*.

A inimizade, *inimicitia, discordia*, caracterizava-se pelo odio entranhavel que repellia dous cidadãos um do outro. A hostilidade presuppunha a ausencia de odio. Um escriptor antigo deu esta caracteristica entre os dous *termos hostis e inimicus*: *Distingui etiam sic possunt, ut inimicus sit qui nos odit, hostis qui oppugnat.* A evolução do sentido do termo *hostis* é assignalada por Faciolatus do modo seguinte: *Hostis is cum quo publice bellum habemus, ab antiqua notione, quæ apud veteres peregrinum signabat. Quem enim nos peregrinum vocamus illi hostem dicebant; quem nos hostem, illi perduellem. Postea institutum est, ut peregrinus hospes, perduellis hostis, quasi extraneus, mitiore vocabulo ad rei tristitiam mitigadam vocaretur.*

Si entendeu o latim, ficará sabendo que a Republica, como *res publica, publica potestas*, só pode ter *hostes* e não *inimicos* que só teem os individuos.

O pensamento expresso no acrostico para ficar mais translucido devia terminar por esta supplica do *mercator* de Ovidio, dirigida ao *Summo moderatori*:

« Da modo lucra mihi, da facto gaudia lucro ».

II.

"LUCTATORI" PAULISTANO PERIODICO

ACROSTICHIUM

L uctam quantum cernimus
U tilem faustamque esse.
C omparent vim vi sæcula,
T urbæ festantes plaudeant,
A rma Minervæ luceant
T uis fatis sintque propitiæ,
O *Luctator* impavide!!
R es rebus luctant æthere
I n lucta luctans vincitur.

Santos. 7/4/94.

Nota-se primeiramente uma divergencia na orthographia da palavra *acrostico*: ora o sr. Dilotti escreve *acrosticium*, ora «*acrostichium*». Mas essa palavra em latim se traduz por *acrostichis - idis*, *acrostichia, - orum*» substantivos, e «*acrostichus, - a, um*» adjectivo (Diccionario espanhol - latino de Valbuena, edição de 1863). Logo o professor não sabe como é *acrostico* em latim.

As duas linhas (nunca chamaremos verso ao que não tem metrificação possivel) são de uma construcção, que o mais atrazado formigão do 2.º anno de latim do Caraça ou Marianna não seria capaz de fazer. Com effeito, nessa sentença ha dous membros: o 1.º «*luctam utilem, faustamque esse*, o 2.º «*quantum cernimus*». Não se pode pretender que com *quantum* esteja correcto o emprego do infinito *esse*. Desde que existe *quantum* o *cernimus* forma uma proposição comparativa que nada influe no primeiro membro, e não se deve empregar o infinitivo *esse*, mas o indicativo *est* com o nominativo, fazendo a seguinte construcção correcta *Lucta, quantum cernimus, utilis faustaque est*. Si, em vez do adverbio *quantum*, estivesse um outro adverbio, v. g. *maxime* então seria correcta a construcção, porque o infinito seria objecto directo de *cernimus*.

Na 4. linha, encontra-se o termo *festantes*, que já foi empregado no — SALVE — e não é latino; *plaudeant* por *plaudant* accusando a sua ignorancia em flexões verbaes.

Na 6. linha, acha-se *propitiæ* em referencia a *arma*, mostrando que o autor ou ignora o genero de *arma* ou não sabe as mais elementares regras de concordancia.

Na 9.a e ultima linha o professor quiz dizer: « Na lucta vence-se luctando » e disse o contrario: « Na lucta quem lucta é vencido. » Sua ignorancia confundiu as funções do gerundio e do participio do presente (que teem formas distinctas em latim) de um modo deploravel. Cicero disse: *Injuria ferendo laudem merebere. Hominis mens discendo alitur et cogitando.* Plauto: *Mendicum malim mendicando vincere.* O professor devêra empregar o gerundio *luctando*, em vez de *luctans*.

Julgo demonstrado á saciedade que o sr. Dilotti não sabe latim e quer passar por latinista, á custa de Ovidio e de acrosticos feitos sem grammatica. Nem se pense que o fazer acrosticos em latim seja cousa difficil, pois adiante vai pubblicado um, composto ás pressas por um amigo meu, cultor assiduo e modesto da lingua latina.

Si não é latim puro, como o dos escriptores do periodo aureo, de Roma, é, em compensação, original e singelo; e tem o grande merito de ser um macarronico intelligivel, fluente e correcto.

Eil-o:

Salve Gloriosum
Professorum decus,
Invide Nasonis,
Refulgens poeta
In terra Cœcorum!

Doctior te non est
In arte Musarum.
Ovidius ipse
Nisi mortuus esset
Invideret tibi!

Doce nos latinum
Et grœcum sermonem
Magis ut miremur
Eloquentiam tuam,
Dilotti magister!

Illud admirandum
Carmen acrostichum
In honorem scriptum
Divi Bernardini
Immortale manet!

Lœtare, Sanctorum
O beata tellus!
Tuus hospes est;
Tibi cœlum dedit
Inter pares primum!

G. B.

S. Paulo, 24 de Abril do 1894.

P. S. Depois de escripto este artigo, recebi mais dous acrosticos do sr. Dilotti, inçados de erros, que vou analysar em proximo artigo.

G. B.

O Sr. Dilotti e os seus acrosticos.

Em post-scriptum do precedente artigo, comprometti-me a analysar mais dous acrosticos perpetrados pelo sr. Dilotti; vou, pois, solver o compromisso contrahido.

III.

TIRADENTES

ACROSTICIUM

T irannis innimicus,
I mpavidus, audaxque
R eipublicæ fuistis
A uxiliator et martyr.
D amnatus *etiam* capitis
E xortavistis populo
N *é fident unqua regibus.*
T ibi hodie cives liberi,
E rgentes tropeum gloriæ,
S alve, ter salve clamitant!

Santos, 17/4/94.

Prof. Spiridione De' Medici Dilotti.

Em dez linhas, o mestre cometteu dous erros palmares, isto é, merecedores de duas duzias de bolos.

O primeiro foi o emprego de *exortavistis*, em vez de *exhortati fuistis*. Ignora o pseudo latinista que *exhortor* é um verbo depoente ou medio, cuja forma activa *exhortavistis* não é empregada por classico algum e nem encontrada em nenhum lexico.

Cito, dentre muitos, este exemplo de Ovidio: *Erigor et trepidos cives exhortor in hostem.*

O segundo erro foi o empregar *vos* e *tu* no mesmo escripto, dirigindo-se a um só individuo. A regra manda conservar a uniformidade de tratamento até o fim do discurso. O sr. Dilotti tendo empregado *fuistis* e *exortavistis* começou a dar o tratamento *vos* a Tiradentes, e por fim com *tibi* e *salve* trata-o por *tu*.

Portanto, errou empregando *tibi* por *vobis* e *salve* por *salvete*.

Deixo de apontar os seguintes erros de somenos importancia: 1º. *innimicus* por *inimicus*, commettido tambem no *Clarissimo viro*; 2º. *exortavistis* sem *h*; 3º. *fident* por *fidant*; 4º. *unqua* por *unquam*; 5º. *ergentes* por *erigentes*; 6º. *tropeum* por *tropaeum*.

IV.

Ao sr. G. B. do communicado ao «Correio Paulistano»

« G racitat rana bovique
« I nvisa imprecat pinguedinis erga
« abiosi canes contra leonem latrant
« E t te, quem libet, gracitare licet
« L atrarique contra versos latinos.
« L aus tibi, Doctor: cur lumina
« A utem concurso tua desunt? »

Santos, 19 aprile 1894.

Prof. Spiridione De' Medici Dilotti.

O mestre Dilotti, mestre de asneiras, pensa que póde empregar as palavras sem conhecer-lhes o sentido. *Graccitare*, em portuguez *grasnar*, é proprio do ganso, do pato, etc. O proprio da rã é *coaxare*, em portuguez *coaxar*. Dizer *graccitat rana* é o mesmo que dizer *mugit hirundo*, *hinnit turtur* (muge a andorinha, relincha a rola).

O mestre saberia fazer a distincção entre *graccitare* e *coaxare*, si, em vez de perder tempo em copiar miserandamente o que outros escreveram, lesse o *Auctor Philomelæ*, onde aprenderia o seguinte:

« Garrula limosis rana coaxat aquis. »
« Hinc graccitat improbus anser. »

O termo *invisa* foi mal empregado; o proprio é *invida* ou *invidiosa*. *Invisa*, etymologicamente, *occulta*, *não vista* (de *invisa*) significa, por translação, *malvista*, *odiada*, *importuna*, *incommoda*. A idea representada pelo termo *invidiosa*, *envieuse*, *invejosa*, é expressa em latim por *invida* ou *invidiosa*, e jamais por *invisa*. Para provar o que acabo de expender sirvam os seguintes exemplos:

« Invisam quœrens quamprimum abru npere lucem. » (Virg.)
« Absit ab invisis et tamen umbra locis. » (Ovid.)
« Invidus alterius rebus macrescit opimis. » (Horat.)
« Tempus edax rerum, tuque invidiosa vetustas » (Ovid.)

Invidiosa tem tambem a significação passiva de *invejada*, como se vê do seguinte verso de Ovidio:

« Nec caris erat invidiosis arenis Pactolus ».

Na mesma linha 2a, foi empregado dilottescamente o verbo *imprecat*. Em latim não ha *imprecare*, mas *imprecari*, depoente, que se compõe do prefixo *in* e do verbo *precari*, conforme se vê dos exemplos classicos:

« Signa dedi venisse deum; vulgusque precari
Cœperat.... » (Ovid.)
« Hœc precor, hanc vocem extremam cum sanguine fundo. »
(Virg.)

Na mesma linha 2a, empregou erradamente *erga* por *ergo*. *Erga* é uma preposição que se constróe com o accusativo. *Ergo*, que uns grammaticos, como Chassang e Noel, consideram preposição, e outros, como Guardia e Wierzeyski, adverbio com força de substantivo (vim nominis habens), constróe-se com o genitivo. O seguinte exemplo tirado de Cicero, confirma o exposto: *Eum donari virtutis ergo benevolentiæque, quam erga populum Athenienisem haberet.*

Na linha 5a, escreveu erradamente *latrari* por *latrare*. Em latim não ha *latrari*, activo, como se vê em Lucrecio:

« Nil aliud sibi naturam latrare ».

Na mesma linha e na 7a, mostrou o mestre ignorar completamente a flexão nominal. Já no acrostico *Clarissimo viro* commetteu o erro de flexionar *progressus* como thema em — o —. No presente acrostico flexionou *versus* e *concursus* como themas em — o —, escrevendo *versos* e *concurso* em vez de *versus* e *concursui* ou *concursu*.

Si o mestre não andasse occupado em fazer acrosticos errados e em copiar desabusadamente versos alheios, saberia como Ovidio flexionava *versus* e *concursus*:

« . . . sitque
Versibus hic paucis admonuisse satis ».
« Concursibus œquor Astraei turbant. »

Aproveito o ensejo, fallando em concurso, para prevenir ao mestre que terá, no concurso de latim, um alter ego inexoravel, que lhe saberá ensinar a theoria da flexão nominal e verbal.

Escrevi um artigo demonstrando, com o *Fastorum* liber I, nas mãos, que o sr. Dilotti copiou miseravelmente 18 versos de Ovidio, e accrescentou uns tantos erros e outras tantas asneiras.

O unico recurso que lhe podia valer era o calar-se. Entretanto

o mestre teve a petulancia de responder-me por um acrostico de 7 linhas e 7 erros, em que falla em rã que tem inveja (!) do boi, em cães raivosos que ladram contra o leão ! !

E dirigindo-se a mim disse : Quem quer que sejas, pódes grasnar e ladrar contra os versos latinos » ! ! E' incrivel, mas real ! !

O que cumpre ao sr. Dilotti fazer não é insultar-me, porém justificar-se da accusação de plagio que lhe fiz. Em quanto não provar que 33 linhas do seu escripto — *Salve* — não foram copiadas dos versos 97-98, 63-88 do livro I dos *Fastos* de Ovidio ; emquanto não justificar os erros que commetteu nas linhas augmentadas e adulteradas do mesmo — *Salve* — ; emquanto não demonstrar, pela imprensa, que os erros apontados nos acrosticos por mim analysados neste e no precedente artigo, são auctorizados pelos escriptores latinos, está de pé, firme como um rochedo, o seguinte :

1º Que o sr. Dilotti não passa de um reles plagiario ;
2º Que não tem discernimento nem para plagiar ;
3º Que não sabe latim nem para o gasto.

Stat contra, dicitque tibi tua pagina : Fur es.

(Martial, L. I, epigr. LIV, ad *Fidentinum Plagiarium*).

S. Paulo, 29 de Abril de 1894.

G. B.

ADVERTENCIA

Escrevi esta critica para ser publicada em artigos, na imprensa desta capital. Não o consegui, porém. A imprensa, que outr'ora se intitulava o 5º. poder do Estado, hoje é menos que uma sombra. Teme-se de tudo. Os actos mais simples lhe inspiram medo e prudencia. Quereis a prova ? Ahi estão as columnas dos jornaes da maior parte do Brasil. Nellas ou se elogia systematicamente o governo, ou se tratam assumptos do mundo da lua. Pelo simples facto de mostrar a impropriedade de certo tratamento encomiastico dado ao presidente do Estado, incorreu o meu escripto na execração da imprensa. Estou certo que, si o proprio presidente o tivesse lido, não recusaria o seu assentimento á publicação.

Parece que *só a referencia* ao nome presidencial constitue crime de lesa divindade.

E' triste, tristissimo, que jornaes que se presam de orientadores da opinião publica, prefiram dar ingresso em suas columnas a quebra-cabeças, louvaminhas governistas e annuncios pagos, a publicar artigos que orientem a mesma publica opinião. Entretanto, nos *ominosos* tempos da *corrupta* e *corruptora* monarchia, a imprensa tinha tal força que derrubava ministerios !

D'aqui a 50 annos, quando se comparar a epocha presente com a passada e futura, o resultado será inteiramente desfavoravel á presente. Então os vindouros se envergonharão do servilismo dos seus avoengos.

A verdade é que o *amor nummi et pellis* é, actualmente, o dominador deste mundo de Christo.

Eis porque sahe retardada a publicação da presente critica.

S. Paulo, 5 de Maio de 1894.

E. Gê Badaró.